

O MUNDO ATLÂNTICO E SEUS IMPERATIVOS ESTRATÉGICOS

TEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG — Setor de Política Internacional

Do mesmo modo que o mundo mediterrâneo na antiguidade, o mundo atlântico possui certa unidade histórica, cultural e geográfica às quais se superpõem as diferenças locais ou regionais. Se coube ao europeu levar a América para o quadro das áreas ditas civilizadas, trouxe para auxiliá-lo grandes levas de negros africanos, provenientes de um terceiro continente também banhado pelo Atlântico. Neste mister, Angola nos toca mais intimamente, já que próxima das rotas que traziam os portugueses ao Brasil, nos forneceria a maioria dos escravos. Assim, se a África perdeu no passado uma boa parte de seus habitantes, ajudou por outro lado, a criar no Novo Mundo, lado a lado com os brancos europeus uma nova civilização.

É justamente esse mundo atlântico, no seu todo, que deveria servir de fundamento a uma aliança atlântica. No entanto, essa aliança só existe na realidade em parte, através da OTAN, como simples reflexo da política soviética na Europa Oriental. Deste modo, ela não pode exprimir na realidade as solidariedades ocidentais.

Os limites desse mundo atlântico estão apenas no norte. Nêle, a OTAN procura deter a linha de avanço que os Estados Unidos fixaram como o "maximum" da penetração soviética. Trata-se de um limite político e estratégico e não histórico ou geográfico. Por sua vez, a Rússia com o seu correspondente Pacto de Varsóvia, procura defender à força os limites que conquistou; a recente invasão da Tcheco-Eslováquia, na encruzilhada da Europa, prova bem a política russa.

Compreende ainda a Rússia que o mundo atlântico não está no seu todo organizado, segundo seus imperativos estratégicos. Existe um flanco vulnerável e este está no Atlântico-Sul; aí está uma das "zonas intermediárias", pronta para os soviéticos abrirem uma brecha.

A política dos Estados Unidos tem sido paradoxal nesta "zona intermediária", formada pelos países subdesenvolvidos asiáticos e africanos. Os Estados Unidos não perceberam em tempo que o desenvolvimento de movimentos antiocidentais nesta "zona intermediária", criaria terreno favorável à implantação do comunismo. Pensaram os es-

tadunidenses que tais movimentos visavam diretamente a França, Inglaterra ou as demais potências ditas colonialistas. A **questão do Vietnã** é bem sugestiva; saíram os "colonialistas" franceses e, hoje lá estão os Estados Unidos mantendo uma guerra custosa para barrar a infiltração comunista que avança do norte. Não hesitaram os Estados Unidos, quando da **crise de Suez**, em se colocarem contra a intervenção franco-britânica; hoje, o Egito desenvolve sua política assessorado pela Rússia, e põe em perigo as áreas petrolíferas que alimentam a Europa Ocidental. Daí, a importância de Israel para o mundo ocidental, que o "nacionalismo" árabe quer varrer do mapa.

Os países europeus que não quiseram assegurar suas posições ultramarinas, têm sofrido as consequências. Estas nações procuraram desembaraçar-se muito rapidamente do epíteto do colonialismo, inteligentemente acusado por Moscou de todos os pecados mortais, com o apoio inocente de Washington. Por isso, depois da Segunda Grande Guerra, no momento em que já se havia esboçado a "guerra fria", começavam a sair do "saco colonial" numerosos Estados, mal preparados dentro do seu primitivismo e, sobretudo, sem estrutura nacional definida. O Congo já deu o seu exemplo e, a recente guerra da Biafra, mostra os inconvenientes de uma independência prematura em regiões onde predomina o regime tribal. Apesar da centralização colonial inglesa, a Nigéria conservou as suas várias tribos,

diferentes línguas e numerosos costumes. Se os ibos do sul, transformados numa elite mais educada pela maior interpenetração das escolas missionárias européias, passaram após a independência (1960) a ocupar os postos mais elevados, substituindo os colonizadores, os haussás não quiseram aceitar o fato; daí as lutas encarniçadas pelo separatismo. É interessante se ressaltar que a Nigéria é considerada como fonte de suprimento de petróleo, a longo prazo, muito mais digna de confiança do que o turbulento Oriente Médio. Pelo menos é essa a idéia do governo inglês que investiu na região, incluindo a Biafra, cerca de 300 milhões de libras esterlinas, em sua maior parte no petróleo e refinarias na zona leste.

Apesar de tudo, segundo Rupert Emerson "a África ainda não se tornou um perigo bastante agudo para comandar a atenção americana, num mundo onde as sirenas de alarma estão constantemente soando num lugar ou noutro". Muito ao contrário, as sirenas de alarma vêm soando constantemente em vários pontos do continente africano. E, no meio de toda esse torvelinho vem se debatendo Portugal para manter Angola, uma das portas que os ocidentais ainda dispõem na África.

A situação de Portugal na África é similar à de Israel no Oriente Médio. Este se vê cercado de inimigos árabes por todos os lados, aquele está rodeado por pseudonacionalistas ou anti-brancos. Tanto árabes como pseudonacionalistas, são apoi-

dos pelo bloco comunista. O próprio Krutchev afirmava isso aos jornalistas hindus que o entrevistaram, e cuja transcrição pudemos ler através do "Jornal do Brasil" (27/9/1964): "Todos que lutam contra o colonialismo e que necessitam de armas e que possam obtê-las na União Soviética, sirvam-se em tomá-las. Muitos povos que chegaram à vitória lutaram com as nossas armas. Muitos países libertados têm nossas armas".

Em Israel, no entanto, já foram ouvidas as sirenas de alarme, já que vem sendo defendido como enclave do ocidente em terras do oriente. Quanto a Angola, os ocidentais ainda não atinaram sobre sua importância, olhando-a sob o prisma da segurança militar no Atlântico-Sul.

Angola, com seus
1.246.700 km², tem área semelhante à do nosso Estado do Pará (1.246.042 km). Localizada na costa ocidental atlântica africana, entre o equador e trópico de Capricórnio, encontra-se face a face com o Brasil. Portanto, é bastante perigoso para a segurança do Atlântico-Sul, pensar-se numa Europa Ocidental com um dispositivo cujo flanco direito está completamente a descoberto e de retaguardas ameaçadas por posições que o inimigo ocupa ou procura minar, como no caso presente de Angola. A primeira grande investida já se fez sentir em 1961, quando no norte de Angola, Portugal teve que enfrentar os guerrilheiros provenientes do Congo.

Qual a atitude da ONU? Votou por 73 votos contra 2 absten-

ções uma resolução, exigindo pesquisa sobre a questão congoleza e, intimando os portugueses a cessarem toda a operação de defesa. Qual a atitude do Brasil? Votou contra Portugal. Caracterizou bem a nossa posição esse trecho do discurso de Afonso Arinos na Assembléia Geral (1961): "O Brasil exorta a Portugal a assumir a direção do movimento pela libertação de Angola e pela sua transformação em um país tão amigo de Portugal quanto o é o Brasil". (Revista Brasileira de Política Internacional nº 17, pág. 144). É bem verdade que governava esse "país amigo de Portugal", Jânio Quadros que se aproximava de Cuba condecorando Che Guevara e "namorava" a África; só assim se justifica a atitude de seu enviado na ONU.

Se Portugal tivesse recuado naquela época, mais uma porta africana se teria fechado para os ocidentais. E, à semelhança da conturbada Nigéria, um outro dirigente tribal estaria declarando o mesmo que a Chancelaria de Biafra, em Aba: "o governo britânico é o principal responsável pelas vítimas inocentes da guerra civil nigeriana" ("Jornal do Brasil" — Caderno Especial — 9/9/1968).

A importância estratégica do continente africano evidenciou-se principalmente durante a Segunda Grande Guerra. O norte do continente, onde hoje a Argélia Comunista representa sério perigo para a Europa, serviu de trampolim para a invasão da Itália. Nesta conjuntura, evidenciou-se ainda o valor da rota

Dacar-Natal (África-América) na ligação direta aliada.

A **manutenção de pontos estratégicos** foi a preocupação constante, desde a antiguidade, entre os Estados que lutaram para exercer o controle mundial. A "guerra fria", provocada pelo antagonismo democrático dos Estados Unidos e comunismo da Rússia, transformaria esses dois países em **potências expansionistas**.

Foi para manter sua **posição-chave** na Europa, que a Rússia invadiu e submeteu a Hungria e, no presente momento a Tcheco-Eslóvia; é para manter sua área de influência que os Estados Unidos vêm se desgastando no Vietnã.

A **expansão russa** vem de um modo geral colhendo sucessos, desde que os Estados Unidos permitiram a sua entrada em Berlim, onde pôde obter todos os segredos da bomba atômica. Atravessaram assim os Urals, dominaram vários países europeus, construíram a sua **"cortina de ferro"**, debruçaram-se sobre o Pacífico e aportaram na América através de Cuba. A atitude do governo russo tem sido coerente, procurando à luz da **teoria geopolítica de Mackinder**, ampliar o **"coração do mundo"** (heartland) conquistando pontos-chave na Europa, Ásia, África, de onde terá fácil trampolim para chegar à América do Sul.

Já os Estados Unidos vêm na **defensiva** adotando dois pesos e duas medidas, em seu projeto de isolar o **"coração do mundo"** e manter as áreas marginais a esse heartland. Senão vejamos: refor-

çando sua posição na Ásia, após haverem abandonado Chiang-Kal-Shek, lutaram na **Coréia** e lá estão no Vietnã; impedem a entrada da China Comunista na ONU mas aceitaram a presença de todas as ditaduras comunistas na Organização. Condenam a discriminação racial na África do Sul sem terem podido resolver o mesmo problema que têm; ignoram por outro lado a espoliação da chamada burguesia nos países satélites de Moscou. Aparecem no mundo como país essencialmente democrata, tornando-se **defensores da autodeterminação dos negros africanos**, esquecendo-se de que os húngaros e tchecos também manifestaram desejo de ter voto livre e de decidirem sobre a própria sorte de seus territórios. Vendo finalmente o exemplo do Congo Belga que se debatia, embora independente, em lutas tribais, reprovavam a **presença de Portugal na África**.

E no entanto, Portugal, que é declarado **anticomunista**, não hesitou em entrar para a OTAN, correndo em auxílio dos Estados Unidos, permitindo que a Organização usasse as bases estratégicas dos Açores. Se há um país que no sentido mais geral vem tentando barrar o extravasamento comunista, este é Portugal que, apesar de todas as críticas, vem mantendo as suas posições-chave na África, tanto na costa atlântica através de Angola, quanto no Índico, em Moçambique.

Abandonado pelos Estados Unidos, Portugal que vem desgastando seu exército em guerrilhas na África, procurou defen-

der-se através de acórdos bilaterais; comprou helicópteros e navios de guerra na França e aviões na Alemanha Federal.

Não resta dúvida que a presença de Portugal na África, constitui-se na realidade deste continente conturbado, uma importante peça para a estratégia do mundo livre. Basta para tal, rememorarmos a teoria do Heartland de Mackinder que diz: quem dominar a Europa Oriental, controlará o "coração do mundo" (heartland) que, na realidade, constitui parte da Europa e Ásia, onde a Rússia tem certa ascendência; quem dominar o "coração do mundo", controlará a "ilha mundial" (Eurásia e África); quem dominar a "ilha mundial" controlará o mundo inteiro.

É preciso, portanto, que os Estados Unidos dominem de fato o "rimland", ou seja, a cinta idealizada por Spikman, capaz de envolver o "coração do mundo"; só assim poderá barrar o avanço russo que já tem sob seu domínio o "coração do mundo".

Neste "rimland", ocupam posições-chave: a Alemanha, para deter o avanço na Europa Ocidental; a Grécia e a Turquia que, no momento ameaçam as bases da OTAN com a disputa de Chipre, barrando de certo

modo o controle soviético no Mediterrâneo; o Japão, Coréia do Sul e Vietnã do Sul para contrabalançar a situação no Pacífico; as bases do Caribe, para fazer frente à Cuba Castrista; Moçambique, bastião recuado no Índico; e Angola, anteparo importante na área do Atlântico-Sul.

Dentro da teoria do "Rimland", os Estados Unidos estão procurando impedir a expansão comunista na Europa e Ásia; mas estão ignorando a realidade africana, **foco da estratégia avançada dos comunistas** que, deste modo, ameaçam de um lado, em sua parte sul, o mundo atlântico, do qual fazem parte Angola, província ultramarina portuguesa e o Brasil.

Acusar Portugal no presente momento de potência colonialista é corroborar com a política comunista e esquecer sobretudo **o conceito de país formado por terras descontinuas**. Pela Constituição Portuguesa Angola e Moçambique são **províncias ultramarinas**. Do mesmo modo, os Estados Unidos são também constituídos por terras descontinuas, já que dois de seus Estados — Alasca e Havaí, estão separados do conjunto por território estrangeiro e, pelo mar no segundo caso.

A Guerra Revolucionária leva o perigo comunista ao umbral de cada casa e a última frente se situa no espírito de cada cidadão!